

ARTIGOS

Um riso... e algumas discordâncias

Marta Nörnberg*
Edson Ponick**

Resumo

O presente artigo apresenta uma reflexão sobre as possibilidades (e os perigos) da interpretação de um texto bíblico, visando à elaboração de uma narração bíblica para crianças. Partindo da narrativa da trama montada em torno de Hagar, Ismael, Isaque, Sara e Abraão (Gênesis 21.8-21), fazemos um exercício hermenêutico, procurando elucidar as discordâncias presentes em diferentes versões da história, tanto em traduções consagradas da Bíblia quanto em versões da história para crianças. A partir desse exercício, procuramos refletir sobre a necessidade e a importância de se abrir espaços e tempos para conversar com as crianças sobre a narrativa a elas apresentada. Essa conversa pode gerar aprendizagens para todas as pessoas envolvidas no processo.

Palavras-chave: Educação; hermenêutica; conversação.

A laughter... and some points of discordance

Abstract

The present paper discusses the possibilities (and the pitfalls) of interpreting a Bible text for the purpose of preparing a biblical narrative for children. Taking as a starting point the plot centered around Hagar, Ishmael, Isaac, Sarah, and Abraham (Genesis 21.8-21), we follow a hermeneutic exercise to try to clarify the points of discordance present in different versions of this story, both in established Bible translations and in versions created for children. From such exercise, we reflect on the need and importance of creating the space and time to talk with children about the narrative presented to them. This conversation may create learning opportunities for all people involved in the process.

Keywords: Education; Hermeneutics; Conversation.

Una risa... y algunas discordancias

Resumen

El presente artículo presenta una reflexión sobre las posibilidades (y los peligros) de la interpretación de un texto bíblico, visando a la elaboración de una narración bíblica

* Marta Nörnberg é Doutora em Educação, Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, RS.

** Edson Ponick é Doutorando pela Faculdades EST, bolsista da CAPES.

para niños e niñas. Partiendo de la narrativa de la trama montada al derredor de Hagar, Ismael, Isaque, Sara y Abraham (Génesis 21.8-21), se hace un ejercicio hermenéutico, intentando elucidar las discordancias presentes en las distintas versiones de la historia, tanto en traducciones consagradas de la Biblia cuanto en versiones de la historia para niños y niñas. A partir de este ejercicio, procuramos reflexionar sobre la necesidad y la importancia de abrir espacios e tiempos para hablar con las niñas y los niños sobre la narrativa a ellos presentada. Esta conversación puede generar aprendizajes para todas las personas involucradas en ese proceso.

Palabras clave: Educación; hermenéutica; conversación.

Introdução

Nos seminários de capacitação e formação de educadores e educadoras cristãs da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), uma das ênfases envolve a narração de histórias bíblicas. Durante os encontros, desenvolvemos atividades de estudo bíblico e orientamos as pessoas a buscarem uma linguagem adequada à compreensão das crianças, procurando *rehear* a história, que, na maioria dos casos, aparece na Bíblia de forma concisa. Ao abordarmos o tema dessa forma, surgem, frequentemente, manifestações quanto ao perigo de deturpação da palavra de Deus no momento em que se elabora uma narração a partir do texto bíblico.

Narrar uma história bíblica para crianças é o ato final de um processo de elaboração que envolve as três orientações hermenêuticas descritas por Palmer: dizer, explicar e traduzir (PALMER, 1969, p. 24ss). Talvez devêssemos inverter a ordem, já que o dizer, o “afirmar ou proclamar”, como “acto importante de interpretação” (PALMER, 1969, p. 25), é possível a partir da busca pelas explicações do texto, e estas são encontradas no trabalho de tradução.

Não esperamos que esse processo de dizer, explicar e traduzir seja realizado por adolescentes de 13 a 18 anos ou por pessoas profissionais de diferentes áreas e que atuam voluntariamente na educação cristã. Temos, assim, dois grandes desafios em nosso trabalho: 1) fazer do ato de narrar a história, de interpretação oral, um “tema criativo”, uma *performance* (PALMER, 1969, p. 27), de tal forma que seja uma anunciação da Palavra de Deus; e 2) auxiliar na compreensão da importância de se buscar explicações sobre o texto, exercitando a fusão dos horizontes do próprio texto com os horizontes da pessoa que lê e elabora a narração (PALMER, 1969, p. 35). Não pretendemos desenvolver esses dois temas neste trabalho. Vale dizer, no entanto, que nossa orientação nos seminários vai no sentido de que as pessoas leiam diferentes traduções da Bíblia e suas notas de rodapé; que leiam também comentários bíblicos e busquem orientação com ministros e ministras da comunidade; que aceitem o desafio de ampliar sua compreensão do texto, sabendo que na compreensão “opera uma tensão – fundamental para a hermenêutica – entre estranheza e familiaridade” (HERMANN, 2002, p. 48).

O exercício que aqui realizamos segue a linha da hermenêutica como explicação e procura mostrar a que resultados é possível chegar com as ferramentas citadas acima: as diferentes traduções da Bíblia com suas notas de rodapé e um comentário bíblico. Embora sejam ferramentas simples e superficiais, o confronto atento e crítico das traduções e informações pode ampliar horizontes e levar a novos olhares sobre o texto. Neste sentido, é uma prática hermenêutica importante, considerando que “a seleção das ferramentas relevantes é já uma interpretação da tarefa compreensiva. A análise é interpretação, sentir a necessidade de análise é também uma interpretação” (PALMER, 1969, p. 33).

Discordâncias

Na sequência, descrevemos o exercício hermenêutico que realizamos sobre a narrativa bíblica de Gênesis 21.8-21. O relato do texto bíblico envolve duas crianças (Ismael e Isaque), duas mulheres (Hagar e Sara) e um homem (Abraão). No processo que exercitamos, partimos, inicialmente, das reflexões e pesquisas de Carlos Dreher (1987, p. 60-73), que faz uma pergunta inquietante em relação ao riso do menino Ismael, no versículo 9. A partir da tradução do hebraico, Dreher contesta a versão de Almeida. Num segundo momento, a título de comparação, tomamos também três versões da Bíblia para crianças, que abordam esse texto. Nas outras Bíblias para Crianças consultadas, a história de Hagar e Ismael é omitida.

Para expressar os questionamentos existentes no próprio texto ou os que surgiram a partir da comparação do texto original com as diferentes traduções e versões da Bíblia, optamos pelo termo *discordância*. Embora não seja muito usual, ele abrange de forma mais completa as controvérsias, diferenças e desigualdades presentes na narrativa e, em especial, nas interpretações feitas a partir dos originais. Conforme o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, *discordância* é “1. Desacordo, divergência, discórdia. 2. Disparidade, desigualdade, discrepância. 3. Incompatibilidade, inconciliação. 4. Dissonância, desarmonia, desafinação. 5. Diferença de opinião”. (FERREIRA, 2009, p. 686) Tentaremos relacionar muitos desses significados com as discordâncias presentes no relato bíblico.

Apresentamos a seguir a versão da Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida, na versão revista e atualizada. Optamos por essa versão por ser uma das mais lidas e conhecidas no Brasil.

⁸ Isaque cresceu e foi desmamado. Nesse dia em que o menino foi desmamado, deu Abraão um grande banquete.

⁹ Vendo Sara que o filho de Agar, a egípcia, o qual ela dera à luz a Abraão, caçoava de Isaque,

¹⁰ disse a Abraão: Rejeita essa escrava e seu filho; porque o filho dessa escrava não será herdeiro com Isaque, meu filho.

¹¹ Pareceu isso mui penoso aos olhos de Abraão, por causa de seu filho.

¹² Disse, porém, Deus a Abraão: Não te pareça isso mal por causa do moço e por causa da tua serva; atende a Sara em tudo o que ela te disser; porque por Isaque será chamada a tua descendência.

¹³ Mas também do filho da serva farei uma grande nação, por ser ele teu descendente.

¹⁴ Levantou-se, pois, Abraão de madrugada, tomou pão e um odre de água, pô-los às costas de Agar, deu-lhe o menino e a despediu. Ela saiu, andando errante pelo deserto de Berseba.

¹⁵ Tendo-se acabado a água do odre, colocou ela o menino debaixo de um dos arbustos

¹⁶ e, afastando-se, foi sentar-se defronte, à distância de um tiro de arco; porque dizia: Assim, não verei morrer o menino; e, sentando-se em frente dele, levantou a voz e chorou.

¹⁷ Deus, porém, ouviu a voz do menino; e o Anjo de Deus chamou do céu a Agar e lhe disse: Que tens, Agar? Não temas, porque Deus ouviu a voz do menino, daí onde está.

¹⁸ Ergue-te, levanta o rapaz, segura-o pela mão, porque eu farei dele um grande povo.

¹⁹ Abrindo-lhe Deus os olhos, viu ela um poço de água, e, indo a ele, encheu de água o odre, e deu de beber ao rapaz.

²⁰ Deus estava com o rapaz, que cresceu, habitou no deserto e se tornou flecheiro;

²¹ habitou no deserto de Parã, e sua mãe o casou com uma mulher da terra do Egito.

(BÍBLIA SAGRADA, 1993).

Pode-se dizer que o riso de Ismael, descrito no versículo 9, suscita diferentes discordâncias. A que traz consequências mais graves é a discordância de Sara, que, vendo no riso espontâneo do menino uma ameaça à herança de seu filho Isaque, obriga Abraão a expulsar Ismael e sua mãe Hagar de casa. A discordância aqui é no sentido de *incompatibilidade, inconciliação* (discordância 3). Para Sara, é incompatível que o filho da escrava tenha a mesma liberdade e ria espontaneamente, como seu filho Isaque, que tem o riso no próprio nome (DREHER, 1987, p. 70).

O texto em questão não cita explicitamente a discordância entre Sara e Hagar, mas ela transparece nitidamente no cap. 16, quando Hagar se retira para o deserto depois de ser humilhada por Sara. No cap. 21, Sara expulsa

mãe e filho sem se preocupar com a vida de ambos. Carlos Dreher baseia seu estudo nessa discordância entre patroa e escrava, um jogo de poder no qual a escrava, sem liberdade de escolha, não tem voz nem vez diante da vontade e do poder da patroa. É a *disparidade*, a *desigualdade* (discordância 2) presente no texto, mostrando opções e reações possíveis numa sociedade construída sobre estruturas que promovem a desigualdade.

A *desarmonia* ou *desafinação* (discordância 4) entre o casal (v. 11) é minimizada com a intervenção de Deus (vv. 12-13). Diante da resistência de Abraão em abandonar à sorte mãe e filho, Deus intervém e assegura que nenhum dos dois morrerá. Assim, o patriarca está livre para atender aos caprichos de sua esposa. Segundo Dreher, os vv. 11-13 são “uma inclusão posterior, na qual os redatores da história buscaram desculpar Abraão, atribuindo a Deus a permissão de expulsar a escrava” (DREHER, 1987, p. 68).

Haveria algum tipo de discordância entre Ismael e Isaque? Se ouvirmos apenas as traduções bíblicas, poderíamos responder que sim. Seguem algumas traduções do v. 9. Acrescentamos ao versículo as respectivas notas de rodapé conforme constam nas traduções consultadas.

Vendo Sara que o filho de Agar, a egípcia, o qual ela dera à luz a Abraão, caçoava de Isaque [...].
(BÍBLIA SAGRADA, Tradução de João Ferreira de Almeida, 1959 - 1993).

Ora, Sara percebeu o filho nascido a Abraão da egípcia Agar, que brincava com seu filho Isaac [...].
Nota de rodapé sobre o termo *brincava*: Ainda uma alusão ao nome de Isaac (cf. 17,17+), pois o mesmo verbo significa “rir” e “brincar” – “com seu filho”, grego, Vulg.; omitido pelo hebr.
(BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985).

Certo dia Ismael, o filho de Abraão e da egípcia Agar, estava brincando com Isaque, o filho de Sara.
Nota de rodapé: brincando com *ou* zombando de. *Algumas versões antigas trazem* com Isaque, o filho de Sara; *o texto hebraico não traz estas palavras*.
(BÍBLIA SAGRADA, Tradução na Linguagem de Hoje, 1988).

Ora, Sara viu que o filho que Abraão tinha tido com a egípcia Agar estava zombando de seu filho Isaac.
(BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral, 1989).

Sara viu brincar o filho que Hagar, a egípcia, dera a Abraão.
[Nota de rodapé: i. lit. *rir*. Mais uma alusão ao nome de Isaac. Ogr. e a Vulg.

Acrescentam aliás: *com o seu filho Isaac*. Este brincar parece suspeito a Sara. A tradição judaica e Gl 4,29 vêem aqui o vestígio de uma perseguição que justificou a expulsão da mãe e do filho.

(BÍBLIA, Tradução Ecumênica, 1994).

E viu Sara que o filho de Agar, a egípcia, que esta tinha dado a Abraão, zombava. (BÍBLIA SAGRADA, Tradução de João Ferreira de Almeida, 1995).

Certo dia Ismael, o filho de Abraão e da egípcia Agar, estava brincando com Isaque, o filho de Sara.

(BÍBLIA SAGRADA, Nova Tradução na Linguagem de Hoje, 2000).

Mas Sara viu o filho que a egípcia Agar dera a Abraão brincando com seu filho Isaac.

(BÍBLIA SAGRADA, Tradução da CNBB, 2001).

Notamos que nem todas as traduções apresentam elementos a partir dos quais se possa dizer que Ismael não gostava de Isaque, que havia discordâncias entre eles, ou que naquele dia Ismael havia provocado Isaque de forma zombeteira. Pelo contrário, muitas versões usam o verbo *brincar* para se referir ao relacionamento entre os dois meninos. Brincar é coisa de criança; brincar é risada espontânea, é companheirismo, é amizade fortalecida.

Observaremos a seguir como duas versões da Bíblia para crianças descrevem a situação em torno do v. 9. Achamos importante apresentar também os vv. 8 e 10, considerando pertinentes – e até mais discordantes – as informações apresentadas, se comparadas com os vv. 8 e 10 no texto apresentado acima na íntegra.

Quando Isaque já era um menino crescidinho, os pais fizeram uma festa.

Durante essa festa aconteceu uma coisa desagradável. Mas não foi culpa de Isaque, e sim de outro menino, que se chamava *Ismael*.

Ismael também morava com Abraão, juntamente com sua mãe, que se chamava *Hagar*. Ela trabalhava como empregada para Abraão e Sara.

Ismael era bem maior, mas não era nada bonzinho para com Isaque. Ele tinha ciúmes de Isaque e pensava: “Eu queria que Isaque nunca tivesse nascido. Porque mais tarde ele vai mandar aqui. *Ele* vai receber quase tudo, e *eu* não vou receber quase nada, porque ele é a criança prometida por Deus!”

Naquela festa, então, o grandalhão do Ismael começou a caçoar do pequeno Isaque, rindo-se e zombando dele.

Sara viu aquilo e falou para Abraão:

– Mande embora esse menino, e sua mãe também. Esse rapaz não pode ficar com Isaque, porque sempre quer ser o mandão e é malcriado com Isaque. Mas Abraão não queria fazer isso, pois gostava muito também de Ismael e de Hagar. (VRIES, 1994, p. 30).

Quando Isaac fez um ano, Abraão preparou uma grande festa de aniversário para ele. Sentaram Isaac sobre uma porção de almofadas na frente de seu enorme bolo de aniversário.

Também Ismael estava na festa. Ficou com inveja. Todo este rebuliço por causa de seu irmão pequeno.

– Heim, pimpolho! – çaçoava. – Levante logo este seu nariz até a beira da mesa. Já pode pegar um pedaço de bolo sozinho ou vou ter que lhe dar um na boca?

Agar ria até não poder mais. Mas Sara ficou zangada. De noite queixou-se para Abraão:

– Ismael está demais! Não pode mais continuar deste jeito. As coisas vão de mal a pior aqui em casa. Não está certo: o menino quer ser o primeiro em tudo e tirar o lugar de Isaac. Claro, Agar está por trás disso. Os dois não gostam de Isaac. Não aceitam meu filho. Isso não pode continuar assim. Você tem que mandar Agar e Ismael embora.

Agora Abraão estava arrependido por não ter acreditado que Sara ainda teria um filho. Estava com vergonha do seu filho Ismael. E Sara insistiu tanto, que ele acabou fazendo uma coisa errada: no dia seguinte mandou Agar e Ismael embora. (EYKMAN; BOUMAN, 1986, p. 29-31).

Conforme essas duas narrativas, havia muita discordância, principalmente por parte de Ismael. Essas versões, no entanto, foram elaboradas por pessoas adultas e provavelmente sem consultar crianças sobre situações parecidas. Afinal, o texto é para *ensinar às crianças* as histórias da Bíblia. Inserimos aqui uma *diferença de opinião* (discordância 5) em relação às versões ou à prática de ensino unilateral presente no contar histórias para crianças. Baseamo-nos nas reflexões de Herman sobre a proposta hermenêutica de Gadamer, que afirma que “só através do diálogo é possível aprender” (HERMANN, 2002, p. 10). A mesma autora, nesse contexto, lembra de “João Guimarães Rosa, quando o sertanejo Riobaldo diz: ‘Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende’, numa clara evidência de que os envolvidos no processo de educar devem permanecer abertos e dispostos a aprender um com o outro” (HERMANN, 2002, p. 10).

Pensando praticamente essas observações, caberia aqui perguntar às crianças hoje: Há discordâncias entre Isaque e Ismael? Ismael estava *brincando*

com ou zombando de Isaque? E se estivesse zombando, mereceria ser expulso de casa por isso? Como será que Isaque se sentiu com a expulsão de Ismael e de sua mãe? Ismael é mais velho e é filho do patrão e da empregada estrangeira e mora na casa dos patrões de sua mãe; Isaque é mais novo e filho do patrão e da patroa e está na casa de seus pais: essas diferenças podem atrapalhar a convivência entre duas crianças? De que forma? Com essas diferenças, será que eles poderiam ser amigos um do outro? Na verdade, eram irmãos por parte de pai, estrutura familiar muito comum nos dias de hoje.

As perguntas acima ainda são de pessoas adultas para crianças. Talvez, para as crianças, fosse mais importante saber: O que Ismael disse de fato a Isaque? Qual era a brincadeira da qual ambos participavam naquele momento? Do que ou com o que as crianças brincavam na época? Qual é a diferença de idade entre Ismael e Isaque? Era uma festa de criança? Havia outras crianças brincando com os dois meninos? As meninas brincavam com os meninos? Onde estão elas?

Apontamos para essas perguntas como uma forma de dialogar com as crianças sobre a história, a partir da concepção de aprendizagem mútua. Certamente, haverá muito o que conversar em termos de relacionamento em sala de aula, em casa, com os amigos da comunidade ou do bairro.

Voltemos ao texto e suas discordâncias. Com essa diversidade de interpretações, cabe olhar o que diz o texto original. Partindo das pesquisas de Dreher, nossa discordância mudará de foco nesse ponto: não mais entre as personagens, mas de algumas traduções com o original. Nesse aspecto, o terceiro elemento apresentado por Palmer – *traduzir* (PALMER, 1969, p. 36ss) – é fundamental para seguirmos dialogando com as diferentes compreensões do texto. É necessário que se busque a linguagem da época e do local em que a narrativa foi concebida. É preciso estabelecer uma ponte entre dois mundos distintos, separados por milhares de anos e de quilômetros. “A tradução torna-nos conscientes de que a própria língua contém uma visão englobante do mundo, à qual o tradutor tem que ser sensível, mesmo quando traduz expressões individuais” (PALMER, 1969, p. 37).

Buscamos auxílio num comentário bíblico para traduzir o riso da discordância. Segundo Dreher,

o texto massorético apresenta apenas o particípio piel *mesabeg* ao final do versículo. O radical *shg* significa, no qal, ‘rir’. É deste tronco que se deriva o nome próprio Isaque = ‘ele ri’. No piel, o verbo assume significado intensivo, o que resultaria em ‘rir intensamente, brincar’. Nada há, pois, de negativo na expressão. O filho de Hagar é simplesmente alguém que ‘ri intensamente’, alguém que ‘brinca’. [...] O significado negativo apresentado em Almeida parece

mais uma harmonização com Gl 4.29 (= ‘perseguiu’), e está mais em função de desculpar a atitude da matriarca Sara. (DREHER, 1987, p. 67).

Chegamos, então, a um *desacordo*, uma *divergência* (discordância 1). A partir da tradução, podemos concluir que Ismael só riu intensamente; não foi o menino malvado – inventado nas duas histórias para crianças – que maltratava seu companheiro de risadas e brincadeiras. O problema parece ser a felicidade do menino escravo. Será que ele não podia ser feliz?

Na verdade, o versículo 10 aponta para essa suspeita, já que em nenhum momento Sara cita o comportamento de Ismael como motivo da expulsão. O que de fato preocupa Sara é que Ismael, por ser filho de Abraão, tenha direito à herança, assim como Isaque. É interessante observar que só nas duas versões para as crianças o motivo da expulsão gira em torno do comportamento de Ismael. Parece-nos que os autores têm uma clara identificação com Sara, ou, mais do que isso, tentam justificar a atitude da matriarca, que, nesse caso, foi egoísta, autoritária e desumana.

O riso de Ismael, na festa, opõe-se a seu choro desesperado no deserto. No entanto, ambas as expressões vêm de dentro, expressam a força da vida: o riso é a expressão da alegria de viver em família ou em comunidade; era dia de festa, dia de rir e se alegrar; o choro é a expressão da vontade de sobreviver, é o último recurso, o pedido de misericórdia, de alguém que está morrendo de sede e de fome no deserto. Conforme o relato bíblico, nesse momento Deus ouviu o choro do menino, interveio e salvou mãe e filho. Isma-el quer dizer *Deus ouviu* (DREHER, 1987, p. 71).

No contexto do deserto, do choro de Ismael e do desespero de sua mãe, as duas versões para crianças citam Abraão e omitem completamente a outra pessoa, também responsável pelo sofrimento no deserto, a matriarca Sara. Numa das versões, fala-se simplesmente na ausência de Abraão: “O pai Abraão não estava com eles, mas o Pai do céu estava, e estaria com eles para sempre.” (VRIES, 1994, p. 32). Na outra versão, Hagar se revolta contra Abraão e reivindica sua filiação ao Deus de Abraão. Depois que descobriu onde havia água para salvar seu filho, Hagar disse a ele: “Ismael, Abraão nos abandonou, mas Deus não” (EYKMAN; BOUMAN, 1986, p. 31).

A história de Hagar e Ismael possui uma terceira versão para crianças. Trata-se de um caderno com uma seleção de 13 histórias de mulheres na Bíblia. Transcrevemos, da mesma forma como anteriormente, a situação narrada na Bíblia nos versículos 8 a 10.

A patroa tinha um filho, a escrava tinha outra [sic]. Não importava que Ismael fosse o mais velho. Era filho da empregada, e tinha que saber o seu lugar.

Abraão lembrava bem o que tinha acontecido.

– Expulse a escrava e o seu filho – dissera Sara.

– Por quê? – perguntara Abraão.

– Ontem, na festa que demos para Isaque, porque deixou de mamar no peito, Ismael debochou de Isaque.

– É mesmo? – quis saber Abraão.

– Foi sim – disse Sara. – Eu bem vi. Isaque estava brincando. Ismael chegou perto dele e começou a rir, descaradamente. Abusava de Isaque. E isso eu não agüento!

– Foi só uma brincadeirinha – disse Abraão.

– Nada disso, falou Sara. Foi deboche. E onde já se viu o filho de uma escrava debochar do filho da patroa? Isso é demais! Essa gatinha não conhece seu lugar!

– Mas, Sara...

– Nada de mas. Chega! Eu não admito esse desrespeito! Você tem um filho meu: Isaque. Ele merece respeito. E eu também. Não vou deixar que o filho dessa escrava nojenta vá tomando conta da casa. Eu sou sua mulher principal. E é o meu filho que vai ser seu herdeiro.

– Mas, Sara...

– Não quero conversa! Esse Ismael tem que sair de casa. Pensa que é mais do que Isaque. Onde já se viu! Ela acha que pode humilhar meu filho! Isso é que não! Mande-os embora, os dois!

Abraão estava muito triste. Mas não havia outro jeito. Encheu um odre com água, pegou um pão e deu-os a Hagar:

– Vão embora, falou. Pegue o meu filho e vá embora daqui.

[...]

– Estou muito triste, – dissera Abraão.

Triste? Adianta ficar triste e deixar o próprio filho morrer?

Ela tentara explicar. Sara havia mentido. Ismael não fizera nada de mal a Isaque. Não tinha debochado. Seu menino gostava de Isaque. Brincava com ele. Só tinha rido. Ria de alegria com o pequeno irmão. Mas Sara não agüentava ver Ismael feliz. Nunca agüentava [sic] que Hagar tivesse tido um filho. Nunca gostara da escrava, nem de seu menino. Só aceitara a situação, porque era estéril. Agora que tinha seu próprio filho Isaque, não queria mais saber de Hagar e de Ismael. (DREHER; WACHS; KLEIN, 1990, p.11-13)

Embora, no extrato citado, transpareça com mais força a raiva de Hagar contra Sara, há partes da narrativa em que Abraão também é responsabilizado pelo sofrimento de mãe e filho no deserto. Essa versão procura contemplar a informação obtida na consulta ao texto original e coloca o deboche e a zombaria de Ismael contra Isaque como mentiras inventadas por Sara.

Perguntamo-nos se o exagero na fala mentirosa de Sara não ofuscou o que revela o texto original e que aparece só depois, no deserto, como lembrança da mãe Hagar, já desesperada com a iminente morte do filho. Se considerarmos a sabedoria popular – a primeira impressão é a que fica –, teria sido melhor dar menos ênfase à fala de Sara e mencionar logo o que aconteceu, segundo a tradução do texto original. Cabe, no entanto, destacar a clara intenção dos autores dessa versão: auxiliar crianças e adolescentes a refletirem sobre os jogos e disputas de poder que permeiam nossos relacionamentos e lembrar o Deus que é misericordioso, que “ouve o grito das mulheres, das escravas, das estrangeiras! Deus ouviu! Deus ouviu, Ismael!” (DREHER, KLEIN; WACHS, 1990, p. 15).

A *diferença de opinião* (discordância 5) parece ser um pilar da nova hermenêutica, entendendo assim as palavras de Hermann: “A hermenêutica é a arte de compreender, derivada de nosso modo de estar no mundo” (HERMANN, 2002, p. 28). Partir do pressuposto de que temos, podemos e até devemos ter opiniões diferentes, porque somos e estamos de modos diferentes no mundo, valorizar essas diferenças é um desafio a ser perseguido também na educação cristã. Antes de recheiar narrativas bíblicas com detalhes impressionantes, é preciso fazer perguntas ao texto, buscar fontes originais, na medida do possível. Outro caminho talvez seja envolver as crianças na narração com perguntas que nós temos e que elas têm. A busca comunitária de possíveis respostas levará naturalmente ao estabelecimento de relações com o dia-a-dia das crianças.

Finalizando

Como tentamos demonstrar, a história de Ismael, Isaque, Hagar, Sara e Abraão trata de um riso e algumas discordâncias. O exercício hermenêutico realizado abriu novos horizontes e desafios, principalmente no sentido de buscar uma educação cristã que considere os saberes e as experiências que crianças e adolescentes trazem. Pensamos que tal caminho merece ser trilhado com mais disposição de tempo e espaço de reflexão, procurando fazer do ato de narrar histórias bíblicas cada vez mais um lugar de traduzir, explicar e proclamar a palavra de Deus, de forma coletiva e participativa.

Em *Ser e tempo*, Heidegger ocupa-se com um cuidadoso e amplo processo hermenêutico que permita uma apreensão do primado da questão do ser. Para Heidegger, a pre-sença é sempre disposição para a linguagem e o fundamento ontológico-existencial constitutivo da linguagem é o discurso; igualmente, “a escuta e o silêncio pertencem à linguagem como possibilidades intrínsecas”

(HEIDEGGER, 1999, p. 220). A escuta e o silêncio constituem o discurso¹. O discurso é a articulação da compreensibilidade do ser-no-mundo, porque, no discurso, a pre-sença, como ser-no-mundo, ao compreender, pronuncia. E o que anuncia é uma determinada disposição, o humor, o modo como o ser da pre-sença está no mundo, que se manifesta no tom, na modulação, no ritmo, *no modo de falar*. Ismael e Isaque pronunciam suas formas de estar-no-mundo pelo riso. Logo, é preciso, então, saber ouvir os ritmos, os silêncios, os gestos, os discursos que as crianças pronunciam desde a sua experiência com as histórias que lhes são contadas.

Neste sentido, o processo hermenêutico pode ser ampliado pelo educador e educadora cristãos se as palavras apreciativas das crianças também forem ouvidas. Para isso, necessário se faz que a história seja contada, mas, de igual modo, um espaço de conversação seja constituído, para que as crianças possam dizer suas palavras.

Enquanto característica fundamental do linguajar humano, a conversação se dá no entrelaçamento do racional com o emocional. “A palavra conversar vem da união de duas raízes: *cum*, que quer dizer ‘com’, e *versare* que quer dizer ‘dar voltas com’ o outro” (MATURANA et al., 1997. p. 167). Na roda de conversa ficamos dando voltas com aquilo que nosso corpo, em especial nossa língua, anuncia, profere; e, nesse gesto contínuo de proferir a palavra que o corpo articula, acontece que, mediante nossas emoções, linguagem e razão, nós mudamos nosso modo de agir, dando-nos conta do que queremos ou não e das consequências de nossas ações. Assim, percebemos que podemos mudar o desejar ou não desejar tais consequências.

Especial função ocupa a conversação nas interações que estabelecemos com as crianças, afinal, muitas delas ainda não dominam o código escrito e, mesmo quando o sabem, ainda lhes falta condições linguísticas e acervo de vida que lhes permita apropriar-se, hermeneuticamente, dos significados e significações que um texto pode evocar. Por isso, conversar é, de fato, uma possibilidade metodológica que precisa orientar as práticas de educação cristã.

É comum ouvirmos orientadoras relatarem que, após a narração da história, elas conversam com as crianças. Desejamos que este seja, de fato,

¹ A música torna-se fundamental nos processos de dizer o que somos e sentimos porque, enquanto uma forma de linguajar do humano, é a que mais explora a dimensão do silêncio. O que é a música senão o somatório de pequenos intervalos de silêncio, a chamada pausa? Ou, ainda, só há música porque há silêncio. O discurso é e se faz a partir e com o silêncio e a escuta. Na música também há o elemento da tensão e do repouso. Igualmente, o discurso também é tensão de idéias, que leva ao conflito e à compreensão. Recentemente, há o discurso que provém da escuta, do silêncio e da visão, do ver a imagem reproduzida na tela, essa produção que capta um todo e abre a infinitas possibilidades interpretativas e compreensivas.

um momento de conversa e não um monólogo sobre o narrado. Larrosa (2004, p. 359) chega a opor a conversação ao diálogo; para ele, uma palavra “completamente vazia e enormemente tramposa”. Ele associa a conversa à amizade, à capacidade de falar o que se pensa e o que se sente, mas também de ouvir o que o outro está dizendo, manifestando. O diálogo está associado ao debate e às discussões racionais e científicas. Conversar é dar voltas com alguém, fortalecendo a convivência.

Por fim, uma última questão: trata-se da ampliação e da mudança das formas de conviver a partir do ato de conversar, do *dar voltas com*, próprio da conversação. Na relação, especificamente na conversação, acontece o entrelaçamento do emocionar e do linguajar nela implicado. Assim, no fluxo do conversar, as coordenações de ações e emoções implicadas mudam porque o “fluxo do emocionar muda com o fluir das coordenações de ações. Portanto, ao mudar o significado das palavras, modifica-se o fluxo do emocionar” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 30-34). Ou ainda, ao mudar a atitude corpóreo-existencial, muda-se o emocionar e as coordenações de ações até então experimentadas. Quiçá tenha faltado espaço-tempo para a conversação entre Hagar e Sara; ou, ainda, talvez elas tenham sido, assim como a Tradição Bíblica e como nós mesmos, incapazes de captar a força vital que fortalecia a convivência entre Ismael e Isaque, manifesta pelo riso.

Referências

- BÍBLIA DE JERUSALÉM.** São Paulo: Paulinas, 1985.
- BÍBLIA SAGRADA.** Edição Pastoral. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BÍBLIA SAGRADA.** Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil (SBB), 2000.
- BÍBLIA SAGRADA.** Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Ave-Maria/Vozes/Salesiana/Paulus/Santuário/Paulinas/Loyola, 2001.
- BÍBLIA SAGRADA.** Ed. rev. e atual. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BÍBLIA SAGRADA.** Ed. rev. e cor. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- BÍBLIA.** Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.
- DREHER, C. Quer seja oportuno, quer não. In: MALSCHITZKY, H.; WEGNER, U. (Orgs.). *Proclamar libertação XIII*. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 60-73.
- DREHER, C.; WACHS, M.; KLEIN, R. **Mulheres na Bíblia: menina, levanta-te – histórias infante-juvenis**. São Leopoldo: CEBI, 1990.
- EYKMAN, K.; BOUMAN, B. **Histórias do povo da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1986.
- FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Ed. Positivo, (2009).

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 220.

HERMANN, N. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 359.

MATURANA, H. et al.(Orgs.). **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997. p. 167.

_____. ; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

PALMER, R. E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1969.

VRIES, A. **A Bíblia para as crianças**. 3. ed. revisada. São Leopoldo: Sinodal, 1994.